



REGIME FORA DA LEI: UMA CRÔNICA DAS ATIVIDADES DESTRUTIVAS DO IRÃ

Grupo de Ação do Irã
DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA





“Os Estados Unidos não serão reféns de chantagem nuclear.”

PRESIDENTE DONALD J. TRUMP, MAIO DE 2018

Em reconhecimento da crescente ameaça representada pelo regime iraniano, o presidente Trump anunciou uma nova estratégia para abordar uma gama de ações destrutivas do regime

REGIME FORA DA LEI:

UMA CRÔNICA DAS ATIVIDADES DESTRUTIVAS DO IRÃ



4 Carta do secretário de Estado Michael R. Pompeo



6 Sumário Executivo



8 Capítulo Um: O apoio do Irã ao terrorismo



18 Capítulo Dois: O programa de mísseis do Irã



22 Capítulo Três: Atividades financeiras ilícitas no Irã



26 Capítulo Quatro: A ameaça do Irã à segurança marítima



30 Capítulo Cinco: A ameaça do Irã à segurança cibernética



34 Capítulo Seis: Abuso dos direitos humanos no Irã



40 Capítulo Sete: Exploração ambiental

CARTA DO SECRETÁRIO DE ESTADO DOS EUA MICHAEL R. POMPEO



Tenho o prazer de divulgar o novo relatório do Departamento de Estado detalhando o escopo do comportamento destrutivo do regime iraniano dentro e fora do país, na véspera do 40º aniversário da Revolução Islâmica. Em 8 de maio de 2018, o presidente Donald J. Trump anunciou sua decisão de encerrar a participação dos Estados Unidos no Plano de Ação Conjunta Abrangente (JCPOA), comumente chamado de acordo nuclear com o Irã. O acordo nuclear com o Irã estava provando ser uma aposta estratégica fracassada que ficou aquém de proteger o povo americano ou os nossos aliados da possibilidade de uma arma nuclear iraniana. A futilidade de confiar a nossa segurança de longo prazo a um acordo de curta duração foi ressaltada pela recente notícia estarrecedora de que o Irã preservou secretamente a sua pesquisa realizada com armas nucleares após a implementação do JCPOA.

Como se a longa história do Irã de violar o Tratado de Não Proliferação Nuclear e várias resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre o seu programa nuclear antes do JCPOA não fosse razão suficiente para pausa. Além disso, o JCPOA claramente não contribuiu para a paz e segurança regionais e internacionais, como afirma o acordo. Pelo contrário, o comportamento desestabilizador do Irã tornou-se mais ousado no âmbito do acordo.

É por isso que o presidente Trump seguiu um novo caminho. A política do presidente Trump reconhece que a República Islâmica do Irã não é um Estado normal. Estados normais não atacam embaixadas e instalações militares em tempos de paz; não apoiam agentes terroristas e milícias; não servem de santuário para terroristas; não reivindicam a destruição de Israel e ameaçam outros países; não ajudam ditadores violentos como Bashar al- Assad, da Síria; não proliferam tecnologia de mísseis para agentes perigosos; não realizam assassinatos secretos em outros países; e não fazem cidadãos de nações estrangeiras reféns. Estados normais não apoiam o terrorismo dentro de suas forças militares, como o Irã fez com a Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) do Irã e sua Força Quds. Estados normais não abusam do sistema financeiro internacional e utilizam a indústria para financiar e apoiar o terrorismo. Estados normais não desperdiçam os seus próprios recursos naturais. Estados normais não suprimem protestos legítimos com violência, prendem seus próprios cidadãos ou os de outros países por crimes especiosos, se envolvem em tortura e impõem severas restrições às liberdades básicas.

Hoje, os Estados Unidos estão publicando um registro completo do comportamento hostil da República Islâmica no exterior e sua repressão interna, além da ameaça continuada de seu programa nuclear. É importante que o mundo compreenda o âmbito da imprudência e da má conduta do regime. É importante o mundo saber que o Irã treinou e enviou combatentes xiitas do Iraque, do Afeganistão e do Paquistão para

ajudar Assad na repressão contra civis inocentes na Síria. É importante o mundo saber que o governador do Banco Central do Irã permitiu a movimentação de milhões de dólares através de bancos para apoiar a Força Quds e o Hezbollah. É importante o mundo saber que centenas de universidades em todo o mundo foram vítimas de um ataque cibernético liderado pela IRGC que resultou no roubo de propriedade intelectual. É importante o mundo saber que as execuções públicas, incluindo de crianças, ainda são comuns no Irã, e os cidadãos são rotineiramente submetidos a julgamentos injustos onde confissões extraídas por meio da tortura são muitas vezes a única prova permitida. É importante que tenhamos conhecimento dessas coisas e nos lembremos delas. A comunidade internacional não tolera este tipo de comportamento de nenhum Estado, e não devemos abrir uma exceção para o Irã.

Retirar-se de um acordo que deu ao regime iraniano uma posição desmerecida e fazer vista grossa para suas atividades destrutivas é apenas um passo no reconhecimento da ameaça e na responsabilização do Irã. Agora devemos dar início ao árduo trabalho de buscar o consenso pré-JCPOA: que só depois de o regime iraniano se abster de infligir o caos a pessoas inocentes o Irã poderá ser aceito como um Estado normal na comunidade internacional.

Trabalharemos com qualquer nação preparada para se posicionar conosco contra o caos e a brutalidade que o Irã impõe aos seus cidadãos e espalha por todo o mundo. Sabemos que muitos países compartilham das nossas preocupações e dos nossos anseios por um Oriente Médio mais seguro e estável, bem como um Irã mais livre. Pedimos às nações e empresas em todo o mundo que examinem esse registro e respondam ao chamado para enfrentar o desafio do Irã de frente.

Os Estados Unidos estão se movendo rapidamente. Em maio de 2018, apresentamos ao regime iraniano doze exigências específicas relacionadas aos seus programas nucleares e de mísseis, apoio ao terrorismo, ameaças a seus vizinhos e a injusta detenção de cidadãos dos EUA e estrangeiros. Estamos reinstituindo sanções para exercer intensa pressão financeira sobre o regime iraniano, à medida que procuramos uma nova solução diplomática. Trabalharemos em conjunto com os nossos aliados e parceiros para pôr fim à agressão iraniana e continuaremos defendendo o povo iraniano.

Nosso objetivo final não é um Irã que ficará isolado para sempre. O Irã é uma sociedade com um potencial muito maior. Queremos chegar a um novo acordo com o Irã que garanta que as suas atividades nucleares sejam pacíficas e que o seu papel no Oriente Médio seja construtivo. Procuramos um acordo que garanta que o Irã não apoie o terrorismo e ofereça maior oportunidade ao seu próprio povo. Estamos preparados para trabalhar com o governo do Irã, mas só se fizer grandes mudanças.

Até lá, o governo iraniano pode ter a certeza da nossa firme determinação em contrariar as suas atividades desestabilizadoras. Dado o registro que publicamos hoje, não devem esperar nada menos.

Michael R. Pompeo

SECRETÁRIO DE ESTADO, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

SUMÁRIO EXECUTIVO



Este relatório registra a magnitude das atividades destrutivas da República Islâmica interna e externamente. Muitas das atividades destacadas ocorreram recentemente, enquanto outras remontam aos primórdios da revolução. Como este relatório deixa claro, a única constante é que o regime iraniano fará o que for preciso para se manter no poder e espalhar a sua ideologia revolucionária.

A principal ferramenta do regime para executar esta missão desde 1979 tem sido a Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) do Irã. A IRGC é o conglomerado mais

poderoso do Irã, espalhando e consolidando seu controle sobre grande parte da vida iraniana. Sua Marinha ameaça regularmente a liberdade de navegação no Golfo Pérsico, enquanto sua força aeroespacial dirige o programa de mísseis balísticos do país, desafiando as Resoluções do Conselho de Segurança. Suas forças terrestres estão implantadas no exterior para reforçar o regime de Assad e sua força paramilitar Basij é mobilizada internamente para vigiar e atormentar iranianos comuns. Finalmente, a sua Força IRGC-Quds Extraterritorial (IRGC-QF) conduz o apoio destabilizador da República Islâmica a agentes e grupos terroristas

O Capítulo Um narra a longa história do apoio da República Islâmica ao terrorismo, conduzido principalmente pela IRGC. Desde 1979, o Irã tornou política de Estado ativamente direcionar, facilitar e realizar atividades terroristas globalmente. Ao contrário de quase qualquer outro país, a República Islâmica tem apoiado o terrorismo dentro de seus próprios aparelhos militares e de inteligência: a IRGC-QF e do Ministério de Inteligência e Segurança (Mois). Hoje, a IRGC-QF está ativa em todo o Oriente Médio e tem planejado ou realizado ataques terroristas em cinco dos sete continentes. Onde não é capaz ou não quer agir diretamente, o regime iraniano domina o uso de grupos terroristas como o Hezbollah libanês, a Jihad Islâmica da Palestina, as Brigadas Al-Ashtar do Bahrein e o Kataib Hezbollah iraquiano para realizar ataques terroristas.

O Capítulo Dois explora o desenvolvimento de mísseis balísticos por parte do Irã, que representam uma ameaça crítica à segurança regional. O Irã tem a maior força de mísseis balísticos do Oriente Médio e continua a explorar vários caminhos para expandir suas capacidades de mísseis de longo alcance. Reconhecendo esta ameaça, o Conselho de Segurança da ONU trabalhou para impor limitações duras nas atividades de proliferação do Irã. No entanto, esse progresso foi revertido após a adoção do Plano de Ação Conjunta Abrangente (JCPOA) em 2015, que não conseguiu incluir o programa de mísseis balísticos do Irã. Com um regime de não proliferação mais fraco para restringir sua atividade, o Irã continuou a desafiar o escrutínio

internacional e seu ritmo de lançamentos de mísseis e testes não diminuiu após a implementação do JCPOA.

O Capítulo Três detalha as atividades de financiamento ilícitas da República Islâmica, que comprometem a integridade e a segurança do sistema financeiro global. O regime iraniano recorre a atividades de financiamento obscuras e fraudulentas para financiar seus agentes e apoiar a sua proliferação de mísseis balísticos e outras armas. No último ano, a IRGC-QF foi exposta por usar empresas de fachada para movimentar fundos, obter materiais e tecnologias restritas, explorar as redes de casas de câmbio em países vizinhos e produzir moeda falsa.

O Capítulo Quatro proporciona uma visão geral da ameaça que o Irã representa para a segurança marítima no Golfo Pérsico e no Mar Vermelho. A República Islâmica tem ameaçado repetidamente interferir na liberdade de navegação e o transporte internacional nessas áreas. No Golfo Pérsico, as forças navais da IRGC se envolveram em vários incidentes inseguros e não profissionais com embarcações navais e têm um histórico de ilegalmente deter marinheiros americanos e do Reino Unido. No Mar Vermelho, os militantes houthis apoiados pelo Irã atacaram navios de guerra da coalizão e navios comerciais sauditas. O Irã também se envolveu no transporte ilegal de armas para outras regiões. Em 2010, por exemplo, autoridades nigerianas descobriram um esconderijo de armas a bordo de um navio comercial do Irã.

O Capítulo Cinco ilustra a disseminação do mau comportamento da República Islâmica no ciberespaço. Cada vez mais, o Irã tem realizado uma série de ataques cibernéticos envolvendo vigilância e sabotagem que afetam infraestruturas críticas, entidades financeiras e comerciais e instituições educacionais. O Irã também emprega suas capacidades cibernéticas para identificar e silenciar seus críticos internamente e divulgar suas campanhas de desinformação no exterior.

O Capítulo Seis registra o repetido e sistêmico abuso dos direitos humanos por parte República Islâmica, em violação das leis e normas internacionais. A República Islâmica persegue ativistas da sociedade civil e marginaliza minorias étnicas e religiosas. O regime também nega aos seus cidadãos o devido processo, frequentemente ficando aquém dos seus próprios padrões legais. As suas prisões são conhecidas por maus tratos e tortura, e aplicam a pena de morte de forma excessiva, também para menores. Além de suas fronteiras, a República Islâmica e seus agentes cometeram numerosos abusos de direitos humanos, incluindo visando civis inocentes na Síria e a detenção arbitrária de sunitas no Iraque.

O Capítulo Sete destaca a tragédia duradoura e cada vez mais irreversível da degradação do meio ambiente nas mãos dos líderes da República Islâmica. Após décadas de políticas agrícolas equivocadas e de projetos de represas conduzidas pela IRGC, o Irã está se aproximando cada vez mais de uma crise ambiental. O fracasso do regime em responder ao agravamento das condições ambientais levou a uma significativa redução dos recursos hídricos do Irã e forçou a migração de milhões de iranianos. Em vez de enfrentar essas questões existenciais, a República Islâmica respondeu com força contra aqueles que pediam por reformas.

An aerial photograph capturing the aftermath of a major bombing in Buenos Aires, Argentina. The scene is a chaotic street filled with a massive pile of rubble, including twisted metal, bricks, and debris. Numerous rescue workers, many wearing yellow and red hard hats, are scattered throughout the area, engaged in recovery efforts. In the foreground, a white ambulance with a prominent red cross and the word 'SAME' on its side is parked. The background shows several multi-story buildings, some of which appear severely damaged or partially destroyed. The overall atmosphere is one of devastation and active emergency response.

CAPÍTULO UM

O APOIO DO IRÃ AO TERRORISMO

18 de julho de 1994 – Buenos Aires, Argentina: O Hezbollah libanês detonou uma bomba do lado de fora da Associação Mútua Israelense-Argentina (Amia). O Irã forneceu apoio logístico, e o ataque resultou em 95 mortos e 200 feridos

“Apostar que o JCPOA aumentaria a estabilidade do Oriente Médio foi um erro para os Estados Unidos, para a Europa, para o Oriente Médio e, de fato, para o mundo todo.”

SECRETÁRIO DE ESTADO DOS EUA, MICHAEL R. POMPEO, MAIO DE 2018

INTRODUÇÃO

Desde 1979, o Irã determinou ser uma política de Estado direcionar, facilitar e realizar ativamente ações terroristas na esfera mundial. Ao contrário de quase qualquer outro país, a República Islâmica tem apoiado o terrorismo dentro de seus próprios aparelhos militares e de inteligência. Por meio da Força Quds da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC-QF), o braço extraterritorial da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), e do Ministério de Inteligência e Segurança (Mois), o Irã realiza ataques, assassinatos e apoia ações terroristas. A IRGC-QF é responsável pelo apoio do Irã a agentes e operações terroristas fora do Irã. A organização garante que a “continuação da revolução internamente e no exterior”, como escrito no preâmbulo da Constituição iraniana, seja totalmente implementada. O Irã usa seus agentes do Mois para a coleta de inteligência e operações clandestinas fora do Irã. Recentemente, em julho de 2018, um agente do Mois foi acusado de participar de uma ação terrorista frustrada contra dissidentes iranianos em Paris. Onde não é capaz ou não quer agir diretamente, o regime iraniano domina o uso de grupos terroristas para realizar ataques em seu nome, muitas vezes através de meios não convencionais. Diferente de grupos terroristas não estatais, como o EIIS, o Irã nega e se esforça para encobrir seu papel em atividades terroristas. Mas os indícios são claros: o Irã é o principal Estado patrocinador do terrorismo no mundo.

GRUPOS TERRORISTAS APOIADOS PELO IRÃ

O Irã usa a sua IRGC-QF para avançar seus interesses no exterior, fornecer cobertura para operações de inteligência e criar instabilidade no Oriente Médio. O Irã reconheceu o envolvimento da IRGC-QF nos conflitos no Iraque e na Síria e a IRGC-QF é o principal mecanismo do Irã que visa cultivar e apoiar agentes terroristas. Por meio da IRGC-QF, o Irã apóia vários grupos terroristas designados pelos EUA, fornecendo financiamento, treinamento, armas e equipamentos. Entre os grupos que recebem apoio do Irã estão o Hezbollah libanês, Hamas, Jihad Islâmica da Palestina (PIJ), Kataib Hezbollah (KH) no Iraque e as Brigadas Al-Ashtar (AAB) no Bahrein. Documentos também confirmam que o regime iraniano facilita a viagem de altos líderes de alguns desses grupos para o Irã, muitas vezes sob o pretexto da educação religiosa.

Além desses grupos terroristas designados pelos EUA, o Irã forneceu armas e apoio aos grupos militantes xiitas no Iraque, os houthis no Iêmen e os talibãs no Afeganistão, que são responsáveis por ataques contra tropas americanas e aliadas, governos locais e forças de segurança e missões diplomáticas nesses países. Milhares de combatentes estrangeiros recrutados pelo Irã, principalmente xiitas afegãos e paquistaneses, estão atualmente lutando na Síria para apoiar o regime brutal de Assad, dando à República Islâmica uma força expedicionária em potencial, que poderia reimplantar para desestabilizar outras regiões, incluindo no Sul da Ásia.



Desfile dos combatentes libaneses do Hezbollah durante uma cerimônia no sul do Líbano AP PHOTO

A Hezbollah libanesa é a mais poderosa parceira terrorista do Irã. Nos últimos anos, demonstrou as suas capacidades terroristas e militares abrangentes. O apoio financeiro que o Irã proporciona ao Hezbollah libanês – impressionantes US\$ 700 milhões por ano – representa a grande maioria do orçamento anual do grupo. Desde o seu bem-sucedido ataque de 2012 na Bulgária, os planos terroristas do Hezbollah em Azerbaijão, Bolívia, Chipre, Guiné, Kuwait, Nigéria, Panamá, Peru, Reino Unido, Tailândia e Estados Unidos, entre outros, foram frustrados. Nos últimos seis anos, o Hezbollah tentou realizar atentados terroristas em cinco dos sete continentes do mundo.

Avanços significativos nas capacidades militares do Hezbollah são graças principalmente ao Irã, que está apoiando o desenvolvimento de instalações de produção de mísseis dentro do Líbano, bem como sistemas de orientação de precisão para o grande arsenal de mísseis do grupo. Estes são os desenvolvimentos perigosos que aumentam a probabilidade de conflito entre o Hezbollah e Israel e continuam a minar as perspectivas de paz na região. Desde o fim do conflito entre Israel e Hezbollah em 2006, o Irã forneceu ao Hezbollah com milhares de foguetes de precisão, mísseis e armas leves. Atualmente, o Hezbollah tem mais de 100 mil foguetes ou mísseis em seu arsenal. O mundo está testemunhando as consequências de o Irã fornecer a seus agentes capacidades de mísseis balísticos letais. Os militantes houthis do Iêmen lançaram vários mísseis balísticos na Arábia Saudita, incluindo dois apontados para Riad, em maio de 2018.

O Irã também fornece anualmente cerca de US\$ 100 milhões de dólares em apoio combinado aos grupos terroristas palestinos, incluindo o Hamas, a Jihad Islâmica na Palestina (PIJ) e o Comando Geral da Frente Popular para a Libertação da Palestina. Esses grupos terroristas estão por trás de uma série de ataques mortais com origem em Gaza, Cisjordânia, Síria e Líbano, incluindo ataques contra civis israelenses, forças de segurança egípcias na Península do Sinai e cidadãos americanos.



Desde 2012, o Irã gastou mais de **US\$ 16 bilhões** em apoio ao regime de Assad e aos seus outros parceiros e agentes na Síria, Iraque e Iêmen.



Secretário Pompeo

@SecPompeo

FATO: O governo iraniano (#Iran) puniu os palestinos dando-lhes apenas US\$ 20 mil – sim, US\$ 20 mil – via #UNWRA de 2008 a 2017.

20h23 – 7 de setembro de 2018

O apoio do Irã aos agentes terroristas palestinos avança seus próprios interesses estratégicos e ameaça o nosso aliado Israel, mas vem com um alto custo para a segurança e bem-estar econômico do povo palestino. Conforme o regime dá prioridade ao financiamento de grupos terroristas palestinos, ele está longe de cumprir a sua declarada obrigação de apoiar diretamente o povo palestino. Em termos de suas contribuições para a

Agência das Nações Unidas de Assistência e Obras aos Refugiados no Oriente Próximo (UNRWA), nos últimos dez anos, o Irã forneceu apenas US\$ 20 mil para a organização. Isso não se compara com os quase US\$ 3 bilhões de dólares fornecidos para a UNRWA pelos EUA durante esse período, bem como os quase US\$ 2 bilhões fornecidos pela UE e os mais de US\$ 600 milhões fornecidos pela Arábia Saudita.

Além do seu apoio a agentes e grupos terroristas no exterior, o Irã também abriga terroristas dentro de suas próprias fronteiras, facilitando assim as suas atividades. O Irã continua permitindo que operadores da Al Qaeda (AQ) residam no Irã, onde são capazes de movimentar dinheiro e implantar combatentes no Sul da Ásia e na Síria. Em 2016, o Departamento do Tesouro dos EUA identificou e sancionou três operadores sêniores da AQ que moravam no Irã. De acordo com o Departamento do Tesouro, o Irã permitiu que esses membros da AQ, incluindo vários dos sequestradores do 11 de Setembro, passassem pelo seu território no caminho rumo ao Afeganistão a fim de obter treinamento e planejamento operacional. Visto que membros da AQ foram expulsos de outras áreas, todos os indícios sugerem que eles continuam encontrando refúgio no Irã. De acordo com um relatório de agosto de 2018 divulgado por um grupo de especialistas das Nações Unidas, “líderes da Al Qaeda na República Islâmica do Irã se tornaram mais proeminentes”. O relatório da ONU determinou que essa maior proeminência no Irã está permitindo que lideranças da AQ continuem exercendo influência.

TÁTICAS NÃO CONVENCIONAIS

Enquanto a República Islâmica persegue suas guerras no Oriente Médio, frequentemente ela recorre a táticas não convencionais para sustentar e ajudar seus agentes. Isso inclui a coerção de combatentes estrangeiros, o uso de crianças-soldados em hostilidades e uso indevido de companhias aéreas civis e comerciais para facilitar a atividade militar maligna. A IRGC recruta combatentes estrangeiros para aumentar sua influência no exterior. A IRGC criou a Divisão Fatemiyoun de Xiitas Afegãos e a Brigada Zainabiyoun de Xiitas Paquistaneses para lutar em conflitos regionais, principalmente na Síria. O Centro de Combate ao Terrorismo de West Point informa que o tamanho da Divisão Fatemiyoun está entre 10 mil e 12 mil soldados, enquanto um oficial da Fatemiyoun no Irã declarou em janeiro de 2018 que mais de 2 mil milicianos haviam sido mortos na Síria. Um relatório da Fundação para a Defesa da Democracia observou que alguns Fatemiyoun afegãos também foram enviados para o Iêmen a fim de lutar ao lado dos houthis. A Human Rights Watch registrou e condenou a prática da IRGC de recrutar crianças-soldados para a Fatemiyoun, revelando indícios de que refugiados afegãos de apenas 14 anos de idade morreram na Síria combatendo pela divisão. Após uma avaliação completa das atividades iranianas, em 2018, o Departamento de Estado dos EUA enquadrou o Irã,

pela primeira vez, no âmbito da Lei de Prevenção de Crianças-soldados.

Várias organizações continuam documentando a tática da IRGC de coagir refugiados afegãos para servirem como combatentes estrangeiros. A Human Rights Watch entrevistou mais de duas dúzias de pessoas da Fatemiyoun, relatando que “alguns disseram que eles ou seus parentes haviam sido coagidos a lutar na Síria e, depois, fugiram e chegaram à Grécia, ou haviam sido deportados para o Afeganistão por se recusarem. Um garoto de 17 anos de idade disse que havia sido forçado a lutar sem ter uma chance de recusar. Outros disseram que se ofereceram para lutar na Síria em milícias organizadas pelo Irã, seja por convicção religiosa ou para regularizar a sua residência no Irã”. Uma entrevista do *New York Times* com a Fatemiyoun salientou que os afegãos eram utilizados frequentemente como a “primeira onda” de combatentes, resultando em maiores taxas de baixas entre suas brigadas, e que a IRGC enviava os fatemiyouns “para lutar nas batalhas mais difíceis”. Embora se saiba menos sobre a Brigada Zainabiyoun do Paquistão, a Fundação Jamestown informa que o grupo também é financiado e recrutado pela IRGC. O Conselho do Atlântico observou que as primeiras baixas de integrantes da Zainabiyoun de que se tem notícia ocorreram enquanto estavam inseridas em grupos de milícias xiitas iraquianas, indicando que a IRGC provavelmente usou os combatentes paquistaneses no Iraque inicialmente antes de transferir essas forças para a Síria.

O governo iraniano também exporta seu comportamento destrutivo ao aproveitar o alcance global da aviação civil e comercial. A Mahan Air, a Caspian Air, a Meraj Air, e a Pouya Air foram todas acusadas de dar apoio à IRGC e à IRGC-QF assim como os grupos de agentes que aquelas entidades apoiam. O uso evidente da Mahan Air no apoio a agentes iranianos ameaça a estabilidade regional e a integridade da aviação livre e aberta, razão pela qual a entidade tem sofrido sanções por parte do governo dos EUA desde 2011. A Mahan Air está implicada no transporte de operadores da IRGC-QF, armas, equipamentos e fundos para apoiar as campanhas do regime no exterior. Ela transporta pessoal e agentes da IRGC-QF para a linha de frente de conflitos, inclusive na Síria, onde recebem treinamento militar e se envolvem em combate. A companhia aérea também forneceu transporte particular para altos funcionários da IRGC-QF como o comandante da Força Quds, Qasem Soleimani, permitindo que eles evitem as restrições de viagem impostas pela ONU, bem como os procedimentos normais de segurança e manifesto que são as normas internacionais de segurança da aviação.



AP PHOTO

CONSPIRAÇÕES TERRORISTAS, ASSASSINATOS E ATENTADOS EM TODO O MUNDO COM O APOIO DO IRÃ

O Oriente Médio é o que mais sofre com a destruição causada pelo apoio do governo iraniano ao terrorismo,

mas o terrorismo iraniano é um problema global. Desde que o regime iraniano chegou ao poder em 1979, o Irã realiza atentados terroristas, assassinatos e ataques em mais de 20 países em todo o mundo, principalmente por meio da IRGC-QF e do Mois, mas também por meio do Hezbollah libanês

As atividades do Irã estão em ascensão. Após uma breve pausa na década de 1990 e início dos anos 2000, o Irã intensificou seu envolvimento em atentados e ataques terroristas em todo o mundo, com várias operações terroristas descobertas ou interrompidas na Europa, nas Américas do Norte e Sul, na África e na Ásia desde 2009. O ritmo destas atividades indica que o Irã continua empenhado em utilizar o terrorismo para atingir os seus objetivos e está confiante na sua capacidade de operar em qualquer parte do mundo.



EUROPA

2018 – Bélgica, França, Alemanha:

Autoridades na Bélgica, França e Alemanha prenderam vários agentes iranianos, incluindo um funcionário do governo, em um complô para plantar uma bomba para sabotar um comício político em Paris, França.

2016-2018 – Alemanha:

No início de 2018, autoridades alemãs revistaram casas e escritórios de 10 suspeitos de serem agentes da IRGC-QF. Em 2016, as autoridades alemãs condenaram um agente da IRGC-QF por espionar o antigo chefe de um grupo alemão-israelense e pessoas próximas a ele.

2013 – Bósnia e Herzegovina:

Descobriram que dois diplomatas iranianos eram agentes de inteligência iranianos e foram expulsos por espionagem e ligações com o terrorismo.

2012 – Turquia:

Quatro agentes da IRGC-QF entraram na Turquia para atacar alvos israelenses; o ataque foi interrompido pelas autoridades turcas.

Julho de 2012 – Sofia, Bulgária:

Um agente da IRGC-QF foi preso pelas autoridades búlgaras por vigiar uma sinagoga.

17 de setembro de 1992 – Berlin, Alemanha:

O Hezbollah libanês, com apoio logístico do Irã, assassinou quatro dissidentes curdos iranianos em um ataque com armas leves em um café. Quatro agentes foram julgados e condenados em 1997.

6 de agosto de 1991 – Suresnes, França:

Agentes iranianos assassinaram o ex-primeiro-ministro iraniano Shahpour Bakhtiar, que liderou um movimento contra o regime iraniano. Um agente foi condenado, mas dois fugiram.

13 de julho de 1989 – Viena, Áustria:

Agentes iranianos usando cobertura diplomática assassinaram o chefe de um grupo dissidente curdo iraniano e outros dois.

Entre dezembro de 1985 e setembro de 1986 – Paris, França:

O Hezbollah libanês bombardeou uma série de alvos vulneráveis. O Irã forneceu apoio logístico, e o ataque resultou na morte de 12 pessoas e pelo menos 200 feridos.

De 14 a 30 de junho de 1985 – Atenas, Grécia:

O Hezbollah libanês, com apoio logístico do Irã, sequestrou o voo 847 da TWA e assassinou um mergulhador da Marinha dos EUA.

ÁFRICA

Novembro de 2016 – Quênia:

Dois agentes iranianos e seu motorista queniano, um funcionário da embaixada local, foram presos e acusados de coletar de informações em conexão com um ato terrorista depois de vigiar a Embaixada de Israel.

20 de fevereiro de 2013 – Nigéria:

Três agentes iranianos foram presos por planejarem ataques contra locais e organizações turísticas dos EUA e de Israel. O líder de uma célula terrorista recebeu treinamento para manuseio de armas no Irã.

Junho de 2012 – Nairóbi, Quênia:

Dois agentes da IRGC-QF foram presos por planejar atentados com bomba contra interesses ocidentais. As autoridades descobriram 33 quilos de materiais explosivos.

Outubro de 2010 – Nigéria:

As autoridades nigerianas apreenderam um carregamento iraniano de foguetes, lançadores de foguetes, granadas e munições destinadas aos rebeldes na Gâmbia e no Senegal.

AMÉRICA DO NORTE

20 de agosto de 2018 – Estados Unidos:

Dois agentes iranianos foram acusados de realizar vigilância secreta de instalações israelenses e judaicas nos Estados Unidos, e de coletar informações de identificação de cidadãos dos EUA que são membros de um grupo de oposição iraniano.

29 de setembro de 2011 – Washington, DC, Estados Unidos:

A IRGC-QF deu apoio a um plano que visa bombardear um restaurante para assassinar o embaixador saudita para os Estados Unidos.

Setembro de 2009 – Glendora, CA, Estados Unidos:

Um agente iraniano contratou um assassino para matar um iraniano-americano oponente do regime e personalidade de rádio.

22 de julho de 1980 – Bethesda, MD, Estados Unidos:

Um agente iraniano assassinou um antigo diplomata iraniano em exílio, Ali Akbar Tabatabai, um feroz crítico do então líder supremo iraniano Aiatolá Ruhollah Khomeini.

AMÉRICA DO SUL

8 de janeiro de 2015 – Montevidéu, Uruguai:

Um alto diplomata iraniano foi expulso por planejar um atentado perto da embaixada israelense.

18 de julho de 1994 – Buenos Aires, Argentina:

O Hezbollah libanês detonou um dispositivo explosivo improvisado transportado por veículo (VBIED) do lado de fora da Associação Mútua Israelense-Argentina (Amia). O Irã forneceu apoio logístico: e o atentado resultou na morte de 95 pessoas e feriu 200.

17 de março de 1992 – Buenos Aires, Argentina:

O Hezbollah libanês detonou um carro-bomba do lado de fora da embaixada israelense. O Irã forneceu apoio logístico. O atentado matou 29 pessoas e feriu 252.

ÁSIA

Fevereiro de 2016 – Manila, Filipinas:

As autoridades Filipinas impediram um plano iraniano para sequestrar um avião civil Saudita.

13 de abril de 2013 – Katmandu, Nepal:

Um iraniano viajando com um passaporte israelense falso foi preso por realizar o monitoramento da embaixada israelense.

14 de fevereiro de 2012 – Bangkok, Tailândia:

Três agentes da IRGC-QF planejaram atentados contra diplomatas israelenses na Tailândia, mas os agentes foram presos depois de acidentalmente detonarem explosivos. Um agente e outros cinco ficaram feridos.

13 de fevereiro de 2012 – Nova Délhi, Índia:

A IRGC-QF ordenou um atentado a bomba contra diplomatas israelenses que feriu um israelense e três cidadãos indianos.

16 de maio de 2011 – Karachi, Paquistão:

Agentes iranianos assassinaram o diplomata saudita Hassan Al-Qahtani.

CAPÍTULO DOIS

PROGRAMAS DE MÍSSEIS DO IRÃ

**Irã lança um
míssil balístico
terra-terra Emad
de longo alcance**

“O ritmo de lançamentos de mísseis do Irã não diminuiu após a implementação do JCPOA em janeiro de 2016, e o Irã continua priorizando o desenvolvimento de seu arsenal de mísseis. O Irã realizou vários lançamentos de mísseis balísticos desde aquela época.”

REPRESENTANTE ESPECIAL PARA O IRÃ, BRIAN H. HOOK, SETEMBRO DE 2018

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e a proliferação de mísseis balísticos do Irã representam uma ameaça crítica à segurança regional e continuam sendo um desafio significativo para os esforços globais de não proliferação. As atividades de proliferação do Irã têm sido uma preocupação do Conselho de Segurança da ONU há mais de uma década. A Resolução 1929 do Conselho de Segurança da ONU (UNSCR), adotada em 2010, impôs severas limitações ao programa de mísseis balísticos do Irã. A resolução proibia o Irã de desenvolver qualquer atividade relacionada a mísseis balísticos que tinham a capacidade de transportar armas nucleares, reconhecendo que esses mísseis provavelmente seriam o método preferido do Irã de transportar uma ogiva no futuro.

O Plano de Ação Conjunta Abrangente (JCPOA), que foi finalizado em 2015 para reduzir o programa nuclear do Irã, não incluiu quaisquer restrições significativas sobre o programa de mísseis balísticos do regime. Pior ainda, conforme o JCPOA foi sendo implementado, contundentes informações da UNSCR que restringiam certos aspectos do programa de mísseis balísticos 1929 foram amenizadas. A falha do JCPOA para lidar com a proliferação de mísseis balísticos do Irã continua sendo uma de suas deficiências duradouras. Com um regime de não proliferação mais fraco para restringir a sua atividade, o Irã continuou a desafiar o escrutínio internacional à medida que avança com o seu programa de mísseis balísticos, realizando testes, bem como pesquisa e desenvolvimento e fornecendo mísseis aos seus agentes na região.

PROLIFERAÇÃO DE MÍSSEIS

O Irã possui o maior arsenal de mísseis balísticos no Oriente Médio, com mais de 10 sistemas de mísseis balísticos em seu inventário ou em desenvolvimento, e um estoque de centenas de mísseis que ameaçam seus vizinhos na região. O Irã continua desenvolvendo uma variedade de sistemas de propelentes sólidos e líquidos de curto e de médio alcance, e está explorando vários caminhos para expandir suas capacidades de mísseis de longo alcance. O ritmo de lançamentos e testes de mísseis do Irã não diminuiu após a implementação do JCPOA e o Irã continua priorizando o desenvolvimento de seu arsenal de mísseis. O Irã realizou vários lançamentos de mísseis balísticos desde a entrada em vigor do JCPOA.

Durante anos o regime iraniano deixou de aderir às restrições colocadas no seu programa de mísseis por parte da comunidade internacional. Desde 2010, o Irã tem realizado vários lançamentos de mísseis em violação da UNSCR 1929 e continua realizando lançamentos que desafiam o texto da UNSCR 2231, que foi adotado como parte do JCPOA. O Conselho de Segurança catalogou as violações iranianas da UNSCR 2231 em seus relatórios semestrais desde 2016. Antes da adoção da UNSCR 2231, as violações iranianas de UNSCRs anteriores relacionadas com a proliferação nuclear e convencional de mísseis, foram registradas por vários Painéis de Especialistas da ONU.

Os atuais testes de mísseis do Irã demonstram seu desejo de aumentar a precisão e a eficácia de suas capacidades. Os investimentos contínuos em seu programa de veículo de lançamento espacial têm sido igualmente observados. Em agosto de 2017, em uma carta enviada ao secretário-geral das Nações Unidas, França, Alemanha, Reino Unido e EUA condenaram o lançamento de um veículo de lançamento espacial Simorgh realizado em julho de 2017 pelo Irã como incompatível com a UNSCR 2231. Os veículos do lançamento espacial usam tecnologias que são praticamente idênticas e intercambiáveis com aquelas usadas em mísseis balísticos, em particular, os mísseis balísticos intercontinentais. Separadamente, os EUA avaliam que em janeiro de 2017, o Irã realizou o lançamento de um míssil de médio alcance que se acredita ser o Khorramshahr. O Khorramshahr é projetado para transportar uma carga de pelo menos 1.500 kg e poderia ser usado para transportar ogivas nucleares. Acredita-se que seu alcance seja de pelo menos 2 mil km, o suficiente para atingir alguns países europeus.

O Irã está aumentando o fornecimento de tecnologia de mísseis para seus agentes regionais. Notícias recentes sugerem que o Irã está transferindo mísseis balísticos para as milícias xiitas no Iraque, que visavam instalações diplomáticas dos EUA em Bagdá e Basra, em setembro 2018. No Líbano, o Irã está apoiando o desenvolvimento de instalações de produção de mísseis do Hezbollah, bem como sistemas de orientação de precisão avançados para o grande arsenal de mísseis do grupo.

Está cada vez mais evidente que o Irã está fornecendo tecnologia de mísseis balísticos para os houthis no Iêmen. Detritos recuperados de recentes lançamentos do Iêmen para a Arábia Saudita indicam que o Irã está fornecendo suporte de mísseis para os houthis, o que só agravará ainda mais o conflito. Também representa uma ameaça ainda maior para a segurança regional. Em um caso, avaliações indicam que um míssil lançado em julho de 2018 do Iêmen para Yanbu, na Arábia Saudita, era um míssil balístico de curto alcance Qiam do Irã, baseado em características únicas identificadas nos escombros. A análise dos detritos, por exemplo, revelou três válvulas localizadas no tanque de combustível, que é uma característica exclusivamente observada no Qiam. Outras investigações também indicaram que um míssil lançado em novembro de 2017 também era um Qiam iraniano. Detritos recuperados continham um logotipo de uma empresa com as letras SBI, que é usado pela empresa iraniana Shahid Bagheri Industries.



A embaixadora dos EUA para a ONU Nikki Haley faz um briefing para a imprensa em frente de seções recuperadas de um míssil iraniano AP PHOTO

Um Painel de Especialistas das Nações Unidas afirmou em janeiro de 2018 que mísseis e outros equipamentos militares utilizados pelos houthis contra a Arábia Saudita eram de fato de origem iraniana. Em resposta a esse ataque, a embaixadora dos EUA para a ONU Nikki Haley disse: “imaginem se esse míssil tivesse sido lançado contra o aeroporto de Dulles ou JFK, ou os aeroportos em Paris, Londres ou Berlim. É disso que estamos falando. É isso que o Irã está apoiando ativamente.”

ENFRENTANDO A AMEAÇA

A comunidade internacional reconhece cada vez mais que precisamos tomar medidas para combater o desenvolvimento e a proliferação do programa de mísseis iraniano. Os EUA dependem de uma variedade de ferramentas para enfrentar esse problema. Na frente multilateral, os EUA trabalham com seus parceiros para interditar transferências relacionadas a mísseis para o Irã e para combater atividades de proliferação de mísseis iranianos em outros países. Os EUA e muitos de seus parceiros mais próximos também participam do Regime de Controle de Tecnologia de Mísseis e do Código de Conduta contra a Proliferação de Mísseis Balísticos de Haia, dois foros multilaterais que ajudam na conscientização sobre o programa de desenvolvimento de mísseis do Irã, tecnologias de pontos de obstrução e estratégias de aquisições, e para pressionar os países a tomar medidas a fim de impedir a aquisição de tecnologia de mísseis pelo Irã. Os EUA também analisam milhares de vistos anualmente para assegurar que os estudantes, pesquisadores e outros visitantes estrangeiros não estejam evadindo os controles de exportação e adquirindo conhecimentos tecnológicos que poderiam beneficiar os programas de mísseis do Irã.

Os EUA e seus parceiros também aplicam sanções para penalizar entidades envolvidas ou fornecendo tecnologia ao programa de mísseis do Irã. Em março de 2017 e abril de 2018, os Estados Unidos impuseram sanções contra 19 entidades estrangeiras pela transferência de equipamentos para o programa de mísseis do Irã no âmbito das Leis de Não Proliferação do Irã, Coreia do Norte e Síria. Em julho de 2017, os Estados Unidos designaram 18 entidades e indivíduos no âmbito do Decreto (E.O.) 13382 por apoiar o programa de mísseis balísticos do Irã ou por facilitar aquisições militares do regime. O Decreto 13382 autoriza o combate aos proliferadores de armas de destruição em massa. Em janeiro de 2018, os EUA designaram quatro entidades adicionais em conexão com o programa de mísseis balísticos do Irã no âmbito do Decreto 13382. Em maio de 2018, o Departamento do Tesouro dos EUA designou cinco indivíduos iranianos por fornecer conhecimentos técnicos relacionados com mísseis balísticos aos houthis. Os indivíduos também foram responsáveis pela transferência de armas para o Iêmen em nome da Força Quds da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC-QF).

Os EUA continuarão a impor sanções, de maneira agressiva, contra o programa de mísseis do Irã enquanto implementamos a nova estratégia do presidente.

AP PHOTO

CAPÍTULO TRÊS

ATIVIDADES FINANCEIRAS ILÍCITAS NO IRÃ



“Os Estados Unidos cortarão o acesso da IRGC ao capital para financiar a atividade maligna iraniana, incluindo sua condição de maior patrocinador estatal do terror no mundo, seu uso de mísseis balísticos contra nossos aliados, seu apoio ao regime brutal de Assad na Síria, as violações dos direitos humanos contra o seu próprio povo e os seus abusos do sistema financeiro internacional.”

SECRETÁRIO DO TESOURO, STEVEN T. MNUCHIN, MAIO DE 2018

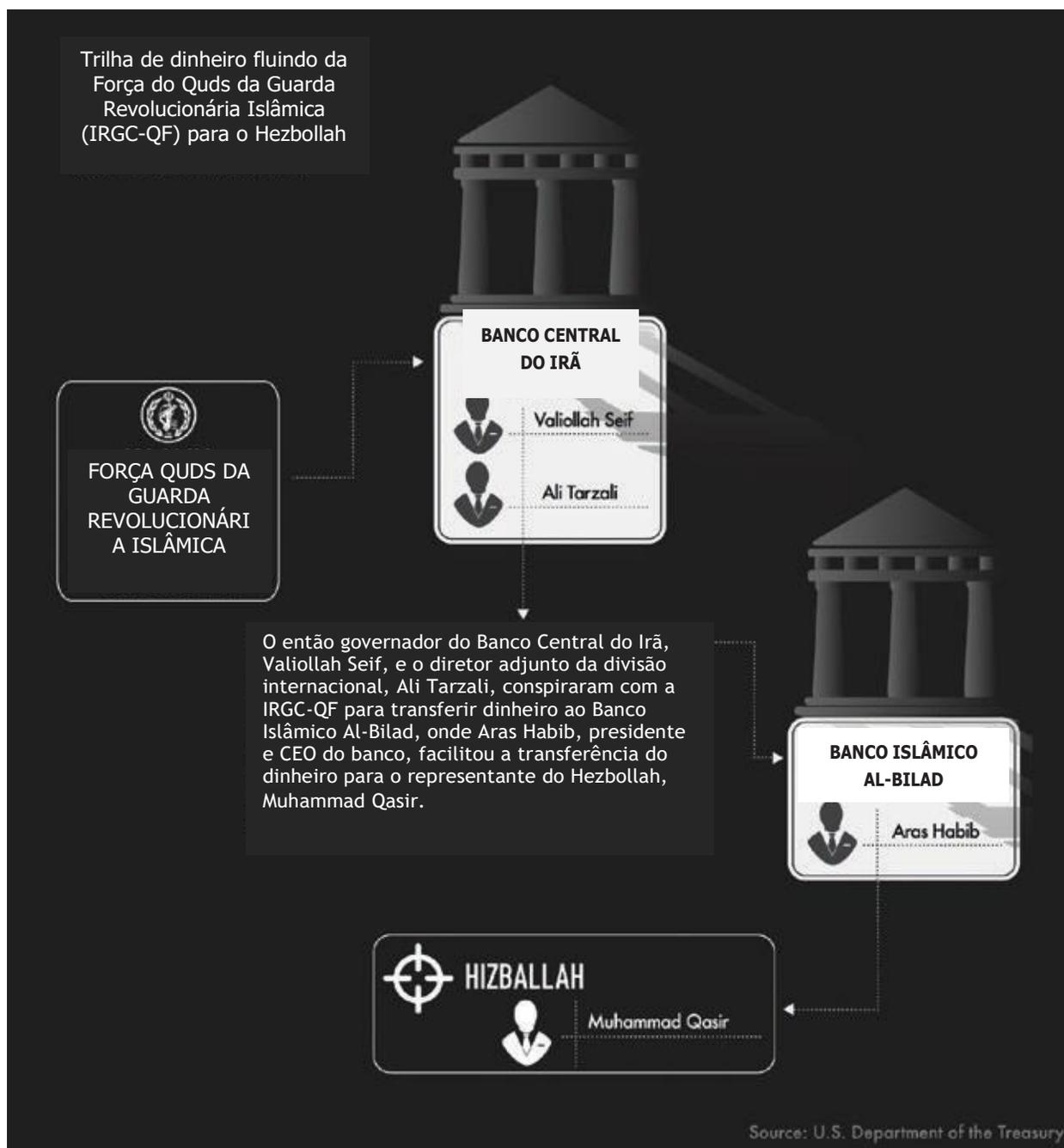
INTRODUÇÃO

Regularmente, a República Islâmica busca usar a fraude e o subterfúgio para financiar suas atividades ilícitas, ameaçando a integridade e a segurança do sistema financeiro internacional. O regime usa principalmente empresas de fachada e outros tipos de entidades aparentemente legítimas para explorar vulnerabilidades que lhe permitam acesso ao financiamento. Embora tenha sido solicitado durante anos pela comunidade internacional a adotar um quadro regulatório mais rigoroso, o regime iraniano não implementou as reformas necessárias para cumprir os padrões de combate à lavagem de capital e financiamento do terrorismo.

MOVIMENTAÇÃO DE RECURSOS PARA A FORÇA QUDS

A Força Quds da IRGC (IRGC-QF), o braço extraterritorial da IRGC responsável por apoiar agentes na região, continua envolvida em esquemas de financiamento ilícito para financiar suas atividades malignas. Isso inclui o seu apoio a grupos terroristas designados pelos EUA como Hezbollah e Hamas. Em um caso, a IRGC-QF criou uma rede de empresas de fachada para explorar o mercado de câmbio nos Emirados Árabes Unidos (EAU) para obter e transferir centenas de milhões de dólares em dinheiro. A rede forjou documentos e acobertou sua conduta usando empresas legítimas. Pelo menos uma empresa de fachada iraniana, a Rashed Exchange, anunciou seus serviços on-line e aparentava ser uma casa de câmbio legítima. Em maio de 2018, os EUA designaram nove alvos para interromper essa atividade.

Os esquemas de financiamento ilícitos da IRGC-QF são facilitados nos mais altos níveis do governo iraniano, incluindo por meio do Banco Central do Irã (CBI). Em maio de 2018, o Tesouro dos EUA revelou que o então governador do CBI da República Islâmica, Valiollah Seif, e o diretor adjunto do departamento internacional da CBI, conspiraram com a IRGC-QF para ocultar a movimentação de recursos ilícitos ao seu agente terrorista, Hezbollah. O esquema também envolveu a cooptação do presidente e CEO do Banco Islâmico Al-Bilad no Iraque para atuar como intermediário, que permitiu a transferência de fundos para o Hezbollah. Esse esquema da IRGC não só alimentava o terrorismo, como também minava a integridade do sistema financeiro do Iraque e, conseqüentemente, a sua capacidade de garantir o crescimento econômico e desenvolvimento. Em maio de 2018, os EUA designaram quatro pessoas físicas e uma entidade por essa atividade.



Os esforços da IRGC-QF para explorar o sistema financeiro internacional não se limitam a documentos fraudulentos ou empresas de fachada. Em 2017, a IRGC-QF elaborou um plano para produzir moeda falsa e ignorar as leis dos nossos aliados na Europa. A IRGC-QF enganou fornecedores europeus usando uma série de empresas na Alemanha para ocultar sua identidade e dados dos usuários finais para adquirir máquinas de impressão avançadas e outros materiais necessários. Em seguida, imprimiu notas bancárias iemenitas falsificadas, que foram utilizadas para apoiar as suas atividades desestabilizadoras no Iêmen. Em novembro de 2017, o Tesouro dos EUA designou seis alvos relacionados a essa operação.

A IRGC-QF também é responsável por orquestrar um extenso plano para contornar as sanções e controles de exportação dos EUA para adquirir peças de aeronaves ilegalmente. O esquema envolveu uma série de empresas de fachada que ajudavam a Mahan Air na aquisição de bens de exportação controlados de origem americana. Após realizar uma investigação, o Tesouro dos EUA designou nove pessoas físicas e jurídicas. Companhias aéreas comerciais iranianas, particularmente a Mahan Air, desempenham um papel fundamental no transporte de agentes da IRGC-QF, armas, equipamentos e fundos que alimentam os conflitos regionais. O atual presidente e CEO da Mahan Air, Hamid Arabnejad Khanooki, está intimamente ligado à IRGC. Os EUA aplicaram sanções contra Arabnejad em 2013 por facilitar uma remessa de carga ilícita para a Síria em aeronaves da Mahan Air.

FATF E A REPÚBLICA ISLÂMICA

A República Islâmica tem fracassado continuamente em implementar normas internacionais para combater a lavagem de capitais e o financiamento do terrorismo, conforme estabelecido pelo Grupo de Ação Financeira Internacional (Gafi). Desse modo, durante a última década, o GAFI designou o Irã como uma jurisdição de alto risco e não cooperativa. A partir de 2016, o GAFI suspendeu suas contramedidas contra o Irã em resposta a um compromisso político de alto nível do país para implementar certas reformas.

Apesar das oportunidades oferecidas à República Islâmica, o regime iraniano não cumpriu seus compromissos. O GAFI documentou especificamente as deficiências fundamentais do Irã, incluindo a inadequada criminalização do financiamento do terrorismo. O fracasso do regime iraniano de completar nove dos dez itens de ação resultou na expressão específica de decepção do GAFI em junho de 2018. O GAFI decidirá sobre uma ação apropriada em outubro de 2018, caso o Irã não realize avanços no cumprimento de suas obrigações. O líder supremo do Irã, Ali Khamenei, questionou a adesão do Irã às convenções internacionais sobre o financiamento do terrorismo e a lavagem de dinheiro, que muitos radicais argumentaram que poderiam limitar a capacidade do Irã para financiar o Hamas e o Hezbollah.

CAPÍTULO QUATRO

A AMEAÇA DO IRÃ À SEGURANÇA MARÍTIMA



“A República Islâmica do Irã não controla o estreito de Ormuz. O estreito é uma via de navegação internacional. Os Estados Unidos continuarão trabalhando com os nossos parceiros para garantir a liberdade de navegação e o livre fluxo de comércio nas vias de navegação internacionais.”

SECRETÁRIO DE ESTADO DOS EUA, MICHAEL R. POMPEO, AGOSTO DE 2018

INTRODUÇÃO

A República Islâmica representa uma grande ameaça à liberdade de navegação e segurança marítima do Golfo Pérsico ao Mar Vermelho. A Marinha da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã (IRGCN) desafia diretamente a estabilidade econômica global e a arquitetura de segurança regional mais ampla. Autoridades da República Islâmica, incluindo os comandantes da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), ameaçaram fechar o Estreito de Ormuz, um estreito canal no Golfo Pérsico por onde passa 20 por cento do petróleo global. O Irã também levou suas guerras por procuração ao mar. O regime fornece armas e assessores para os militantes houthis no Iêmen, que por sua vez atacam navios de guerra e comerciais no Mar Vermelho.

“INSEGUROS E NÃO PROFISSIONAIS”

A República Islâmica tem usado o mar para confrontar seus vizinhos do Golfo assim como os interesses dos EUA e tem um objetivo claro de expandir seu poder no Golfo Pérsico e para além. As pequenas embarcações de ataque rápido da IRGCN têm assediado navios da Marinha dos EUA de forma “insegura e não profissional” em águas internacionais, de acordo com o comandante do Comando Central dos EUA, general Joseph Votel. Em 2017, a Marinha dos EUA registrou 14 incidentes, enquanto em 2016 e 2015 registrou 36 e 22 incidentes, respectivamente. Esses incidentes apresentaram um alto risco de colisão entre os navios da IRGCN e Marinha dos EUA. Em julho de 2017, uma embarcação da IRGCN chegou a 150 metros do *USS Thunderbolt* no Golfo Pérsico, forçando-o a disparar tiros de advertência. Outro incidente em março de 2017, o *USNS Invincible* foi forçado a mudar de curso para evitar colidir com várias pequenas embarcações de ataque rápido da IRGCN. A ameaça da IRGCN à Marinha dos EUA se estende além das pequenas embarcações de ataque rápido. A IRGCN utilizou drones para abordar recursos navais dos EUA. Em agosto de 2017, um drone iraniano desarmado voou perto do *USS Nimitz* enquanto caças pousavam à noite, ameaçando a segurança dos pilotos e tripulantes dos EUA.

O mau comportamento marítimo do regime se estende para além do Golfo Pérsico até o Mar Vermelho. Seu apoio aos militantes houthis no Iêmen apresenta um aumento da ameaça aos interesses militares e comerciais. Em janeiro de 2017, uma embarcação marítima de detonação remota atacou a fragata da Marinha Real Saudita, *Al Madinah*. A Marinha dos EUA determinou que a embarcação provavelmente foi fornecida pela IRGC. Desde então, os houthis ameaçaram e realizaram ataques contra navios comerciais sauditas, incluindo um

ataque em julho de 2018 contra um petroleiro Saudita no Mar Vermelho. Em outubro de 2016, militantes houthis apoiados pelo Irã dispararam mísseis de cruzeiro antinavio contra navios de guerra dos EUA em águas internacionais ao norte do Bab-al-Mandeb. Os ataques foram realizados apenas uma semana após os militantes atingirem o navio *Swift* dos Emirados, incapacitando o navio cargueiro. Os houthis também colocaram minas marítimas rudimentares perto de rotas marítimas comerciais no Mar Vermelho, ameaçando a liberdade de navegação e o livre fluxo do comércio na região.

A expansão das capacidades ofensivas marítimas houthi reflete a persistente má e desestabilizadora influência da IRGC na região. Em 2016, o secretário-geral das Nações Unidas manifestou preocupação com as remessas ilícitas de armas do Irã após a apreensão de um carregamento de armas pela Marinha dos EUA no Golfo de Omã. Os EUA concluíram que a remessa era originária do Irã com destino ao Iêmen, em clara violação de um embargo de armas do Conselho de Segurança da ONU sobre militantes houthis. O Irã também se envolveu no transporte ilegal de armas em outras regiões. Em 2010, autoridades nigerianas descobriram um esconderijo de armas a bordo de um navio comercial em Lagos, demonstrando os riscos colocados pela República Islâmica ao usar navios comerciais para atividades maliciosas para além do Golfo Pérsico e do Mar Vermelho.

A República Islâmica também se envolveu em apreensões politicamente motivadas de embarcações comerciais, com a intenção de projetar influência interna e externamente. Em abril de 2015, navios da IRGCN dispararam tiros por cima da proa do navio cargueiro *Maersk Tigris*, das Ilhas Marshall, perto do Estreito de Ormuz. A IRGCN então forçou o navio a atracar no porto iraniano de Bandar Abbas. Autoridades iranianas detiveram o navio por uma semana sob a acusação de dívida pendente. O incidente demonstrou a falta de respeito com as normas e as leis internacionais por parte do regime.



A Marinha da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã apreendeu o navio cargueiro *Maersk Tigris* por uma semana

DETENÇÃO DE MARINHEIROS NO MAR

A detenção ilegal de marinheiros ocidentais pelo Irã é um dos atos mais provocativos do regime iraniano. Mais recentemente, em 12 de janeiro de 2016, a IRGCN apreendeu dois barcos fluviais da Marinha dos EUA. Eles alegaram que os navios entraram ilegalmente em águas iranianas após uma falha do motor, e detiveram dez marinheiros dos EUA por um período de 15 horas. Uma investigação do Departamento de Defesa sobre o incidente concluiu que o Irã violou leis internacionais ao impedir que os barcos exercessem o direito de passagem inocente. O Departamento de Defesa também determinou que o Irã violou a imunidade soberana de um navio dos EUA por embarcar, revistar e apreender os barcos, tirar fotografias e gravar vídeos da tripulação.

Em outro incidente altamente provocativo, a IRGCN embarcou e apreendeu o *HMS Cornwall* da Marinha Real perto da foz do canal de Shatt Al-Arab em março de 2007. Durante 15 dias, o governo iraniano deteve os marinheiros britânicos que patrulhavam o canal. De acordo com um relatório da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Comuns do Reino Unido sobre o incidente, o regime iraniano alegou que os marinheiros confessaram ter participado de patrulhas ilegais em águas iranianas. O governo britânico refutou a alegação, fornecendo provas que o navio britânico estava 1,7 milhas náuticas dentro de águas territoriais iraquianas. O regime iraniano, em seguida, mudou as coordenadas de onde alegaram ter capturado o navio, e se recusou a libertar os marinheiros. Mais tarde, os marinheiros detidos afirmaram que estavam com os olhos vendados e foram mantidos em isolamento e ameaçados com até sete anos de prisão se não confessassem que haviam entrado em águas iranianas.

Durante as duas semanas do ocorrido, o Ministério das Relações Exteriores do Reino Unido congelou os laços diplomáticos bilaterais com o Irã, o Conselho de Segurança das Nações Unidas emitiu uma declaração de “grande preocupação” sobre a detenção dos marinheiros e a União Europeia pediu a imediata e incondicional libertação dos detidos. O então presidente Mahmoud Ahmadinejad concordou com a libertação após duas semanas de negociações, embora ele continuasse insistindo que a tripulação havia “invadido” águas iranianas. Na verdade, Ahmadinejad apresentou medalhas de honra aos comandantes da IRGC responsáveis por deter ilegalmente os marinheiros e insistiu que o Irã tinha todo o direito de julgar os marinheiros, chamando a libertação um presente para o povo britânico. A detenção ilegal de marinheiros no mar pelo Irã é coerente com a política do regime de detenção ilegal de cidadãos estrangeiros e de dupla cidadania sob acusações falsas.



AP PHOTO

O presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad entrega uma medalha de honra a um comandante da IRGC, que estava entre aqueles que interceptaram os 15 marinheiros e fuzileiros navais do Reino Unido

CAPÍTULO CINCO

**A AMEAÇA
DO IRÃ À
SEGURANÇA
CIBERNÉTICA**

“Não vamos tolerar o roubo de propriedade intelectual dos EUA ou intrusões em nossas instituições de pesquisa e universidades. Vamos continuar a usar sistematicamente nossos poderes de aplicar sanções para elucidar as práticas cibernéticas maliciosas do regime iraniano e responsabilizá-lo por ataques cibernéticos criminosos.”

SUBSECRETÁRIA DO TESOURO SIGAL MANDELKER, MARÇO DE 2018

INTRODUÇÃO

A República Islâmica é um dos principais agentes de ameaças no ciberespaço, que usa a ciberespionagem, propaganda e ataques para influenciar eventos, moldar percepções estrangeiras e combater ameaças percebidas. A atividade cibernética iraniana prejudica as normas internacionais e os interesses de segurança, e ameaça regularmente o acesso a comunicações abertas, interoperáveis, confiáveis e seguras na internet. Semelhante ao apoio do regime aos seus agentes, a República Islâmica prioriza a negação plausível de suas atividades cibernéticas maliciosas, dificultando a atribuição em muitos casos. No entanto, existem provas de que o regime continua suas atividades malignas no ciberespaço.

OPERAÇÕES ESTRANGEIRAS

A República Islâmica desenvolveu suas capacidades cibernéticas com a intenção de vigiar e sabotar seus adversários, minando as normas internacionais e ameaçando a estabilidade internacional. Durante a última década, relatórios públicos indicam que o regime iraniano tem realizado operações cibernéticas visando governos, bem como entidades da sociedade civil e comercial em Estados Unidos, Israel, Arábia Saudita e Qatar, entre outros. A Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) é, com frequência, a principal força por trás desses ataques, embora muitas vezes eles recrutem a ajuda de hackers fora do governo.

O regime iraniano normalmente foca em alvos “desprotegidos”, como entidades comerciais vulneráveis, infraestruturas críticas e organizações não governamentais. No Oriente Médio, as operações cibernéticas iranianas estão fortemente concentradas na Arábia Saudita e em outros Estados do Golfo. Em um ataque de 2012 que foi amplamente atribuído ao regime iraniano, dezenas de milhares de computadores foram comprometidos e considerados inoperáveis na Aramco, da Arábia Saudita, e na RasGas, do Qatar, resultando em centenas de milhões de dólares em danos. Uma versão atualizada desse ataque foi novamente realizada entre 2016 e 2017, resultando na destruição de bancos de dados que afetam o governo saudita e elementos de seu setor privado, incluindo a Autoridade Geral para a Aviação Civil e o Banco Central.

Fora do Oriente Médio, o regime iraniano tem visado os EUA e outros países ocidentais por meio de espionagem cibernética e sabotagem. Entre 2011 e meados de 2013, entidades ligadas à IRGC realizaram uma campanha coordenada e distribuída de negação de serviço (DDoS) contra o setor financeiro dos EUA, ameaçando o sistema financeiro internacional. A campanha DDoS derrubou sites de bancos, impediu o acesso on-line a contas pelos clientes e, coletivamente, causou prejuízos de dezenas de milhões de dólares em custos de remediação conforme os bancos trabalhavam para neutralizar e mitigar os ataques. Em 2013, um dos hackers iranianos envolvidos na campanha DDoS também realizou uma intrusão no sistema de controle industrial de uma represa dos EUA ao norte da cidade de Nova York. Apesar dos esforços do regime iraniano para esconder o seu papel nesses incidentes, o governo dos EUA designou e acusou vários cidadãos iranianos por sua participação nos ataques, dando maior transparência sobre o alcance da atividade cibernética maliciosa da República Islâmica.

Os crimes cibernéticos da República Islâmica não se limitam a entidades comerciais ou a infraestruturas críticas. O Instituto Mabna, ligado à IRGC no Irã, realizou invasões cibernéticas coordenadas em sistemas de computadores de aproximadamente 144 universidades nos EUA e pelo menos 176 universidades localizadas em 21 outros países, roubando mais de 31 terabytes de documentos e dados. Em março de 2018, o governo dos EUA designou o Instituto Mabna e designou e indiciou criminalmente as pessoas físicas iranianas envolvidas. A subsecretária para Terrorismo e Inteligência Financeira do Tesouro dos EUA, Sigal Mandelker, disse, ao anunciar a imposição de sanções sobre essas entidades, que “o Irã está envolvido em uma campanha contínua de atividades cibernéticas maliciosas contra os Estados Unidos e os nossos aliados. A IRGC terceirizou invasões cibernéticas ao Instituto Mabna, uma rede de hackers que se infiltrou em centenas de universidades para roubar dados confidenciais”.

PROCURADOS PELO FBI

CONSPIRAÇÃO PARA INVADIR COMPUTADORES; CONSPIRAÇÃO PARA COMETER FRAUDE ELETRÔNICA; FRAUDE DE COMPUTADORES - ACESSO NÃO AUTORIZADO VISANDO LUCRO FINANCEIRO PRIVADO; FRAUDE ELETRÔNICA; ROUBO DE IDENTIDADE COM AGRAVANTE

Gholamreza Rafatnejad

Ehsan Mohammadi

Seyed Ali Mirkarimi

Abdollah Karima

Mostafa Sadeghi

Sajjad Tahmasebi

Mohammed Reza Sabahi

Roozbeh Sabahi

Abuzar Gohari Moqadam

CAUTELA

Em 7 de fevereiro de 2018, um grande júri no tribunal federal de primeira instância dos EUA no Distrito Sul de Nova York indiciou nove cidadãos iranianos por seu suposto envolvimento em invasão de computadores, fraude eletrônica e delitos de roubo de identidade com agravante. Conforme alegado na denúncia, os homens estavam envolvidos em um esquema para obter acesso não autorizado a sistemas de computadores, roubar dados protegidos desses sistemas e vender esses dados roubados a clientes iranianos, incluindo o governo iraniano e universidades iranianas. Cada pessoa física era líder, entidade contratada associada, hacker de aluguel, ou afiliada do Instituto Mabna, um contratado federal com sede na República Islâmica do Irã. E realizaram esse trabalho para o governo iraniano, a mando da Guarda Revolucionária Islâmica. As vítimas do esquema incluíam aproximadamente 144 universidades nos Estados Unidos, 176 universidades estrangeiras em 21 países, cinco agências governamentais federais e estaduais nos Estados Unidos, 36 empresas privadas nos Estados Unidos, 11 empresas estrangeiras privadas e duas organizações não governamentais internacionais.

DEVE-SE CONSIDERAR O RISCO DE FUGA INTERNACIONAL PARA ESSAS PESSOAS

Se você tiver alguma informação relacionada a esse caso, entre em contato com o escritório local do FBI ou com a Embaixada ou Consulado dos EUA mais próximos.
 Agência local: Nova York

www.fbi.gov

ALVOS INTERNOS

Dentro das suas fronteiras, o regime iraniano desenvolve e utiliza capacidades cibernéticas para silenciar e enfraquecer os seus críticos, sejam iranianos comuns, membros da sociedade civil ou autoridades eleitas.



Twitter Safety
@TwitterSafety

Working with our industry peers today, we have suspended 284 accounts from Twitter for engaging in coordinated manipulation. Based on our existing analysis, it appears many of these accounts originated from Iran.

8:01 PM - 21 Aug 2018



We've removed 652 Pages, groups and accounts for coordinated inauthentic behavior that originated in Iran and targeted people across multiple internet services in the Middle East, Latin America, UK and US. FireEye, a cybersecurity firm, gave us a tip in July about "Liberty Front Press," a network of Facebook Pages as well as accounts on other online services. They've published an initial analysis and will release a full report of their findings soon. We wanted to take this opportunity to thank them for their work.

Based on FireEye's tip, we started an investigation into "Liberty Front Press" and identified additional accounts and Pages from their network. We are able to link this network to

Entidades afiliadas à IRGC também visaram o próprio corpo diplomático da República Islâmica, com relatórios indicando que até mesmo o ministro das Relações Exteriores do Irã, Javad Zarif, pode ter participado, sem saber, de um esquema de vigilância cibernética ligado à IRGC tendo como alvo um proeminente iraniano. Além de autoridades eleitas, campanhas cibernéticas, incluindo espionagem, desfiguração e roubo de credenciais têm como alvo os clérigos reformistas do Irã e líderes políticos moderados e ativistas.

O regime iraniano utiliza suas capacidades cibernéticas para negar acesso irrestrito à internet aos iranianos, inclusive bloqueando o acesso a sites e aplicativos de mídia social. Financia um enorme aparato de censura on-line e restringe o acesso aos serviços de satélite. Uma ironia não perdida para o povo iraniano é que, enquanto o regime reprime as plataformas de mídia social como o Twitter, autoridades do regime como o líder supremo Ali Khamenei e o ministro das Relações Exteriores Zarif, bem como jornalistas simpatizantes do regime, usam as plataformas regularmente para disseminar a propaganda do regime para o mundo exterior. Em agosto de 2018, Facebook, Twitter e outras empresas dos EUA relataram a remoção de mais de mil páginas, grupos e contas que eles avaliaram estar envolvidos na divulgação de desinformação em nome do regime. O âmbito da campanha foi amplo. Somente no Facebook, incluía mais de 600 páginas e visava usuários nos EUA, no Reino Unido, no Oriente Médio e na América Latina.

No último ano, o Departamento do Tesouro dos EUA designou várias pessoas físicas e jurídicas em conexão com sérios abusos de direitos humanos e censura no Irã. Isso inclui Abolhassan Firouzabadi, o secretário do Alto Conselho do Ciberespaço do Irã. Firouzabadi tem desempenhado um papel de liderança nos esforços do regime para bloquear o acesso a sites de mídias sociais e aplicações tais como o Telegram. O Alto Conselho do Ciberespaço é em si uma entidade designada por seu papel de fiscalizar a censura nos meios de comunicação no Irã.

CAPÍTULO SEIS

ABUSO DOS DIREITOS HUMANOS NO IRÃ



Estudante universitária em Teerã protesta contra o regime enquanto a polícia iraniana lança uma granada de fumaça

“Hoje, o povo do Irã está falando com seu governo, e sua mensagem é inegável: pare de apoiar o terrorismo. Pare de dar bilhões do nosso dinheiro para assassinos e ditadores. Pare de tomar a nossa riqueza e gastá-la em combatentes estrangeiros e em guerras por procuração. Pense em nós.”

**REPRESENTANTE PERMANENTE DOS EUA PARA AS NAÇÕES UNIDAS
NIKKI R. HALEY, JANEIRO DE 2018**

INTRODUÇÃO

O Irã tem um péssimo histórico de direitos humanos, e a perspectiva continua triste. O regime iraniano continua violando os direitos humanos do seu próprio povo, frequentemente visando ativistas políticos e da sociedade civil, bem como minorias religiosas e étnicas. Os sistemas jurídicos do regime estão muito aquém de prestar o devido processo legal e os cidadãos estrangeiros e com dupla cidadania são alvos de detenção arbitrária.

TOLERÂNCIA ZERO PARA O ATIVISMO

O governo iraniano reprime seus cidadãos por atividades cívicas pacíficas e pelo exercício da liberdade de expressão e crença. Atualmente, existem mais de 800 prisioneiros de consciência detidos no Irã. O regime regularmente visa jornalistas e restringe o exercício da liberdade de expressão on-line, incluindo por meio da detenção de blogueiros e usuários de mídia social. Em julho de 2018, a organização Repórteres Sem Fronteiras estima que 20 jornalistas e nove ativistas da internet permanecem na prisão por expressarem suas opiniões on-line. O regime também restringe as viagens e a fala de personalidades, incluindo candidatos políticos. Os ex-candidatos presidenciais Mehdi Karroubi e Mir Hossein Mousavi, bem como a esposa de Mousavi, Zahra Rahnavard, foram mantidos em prisão domiciliar sem acusações formais desde fevereiro 2011.

O regime iraniano continua reprimindo todos os tipos de ativismo. Ativistas dos direitos das mulheres, por exemplo, enfrentaram prisões arbitrárias e detenções após protestos que ganharam um impulso significativo em 2018 contra o uso obrigatório do hijab. Os agentes do governo prenderam participantes nesses protestos, e os tribunais emitiram punições severas e excessivas contra muitos ativistas, incluindo sentenças de prisão de até 20 anos. O regime também visa os trabalhadores por participarem de atividades sindicais. Desde o início do ano houve vários casos de trabalhadores que foram detidos ou presos por exigir salários que não foram pagos. Ativistas ambientais também estão cada vez mais sob escrutínio por falarem em maior número contra a corrupção e a má gestão do governo.

As várias minorias étnicas do Irã também são alvo do regime, sendo rotineiramente perseguidas e detidas e presas arbitrariamente. Relatos indicam que detentos morrem em circunstâncias suspeitas e o desaparecimento de membros das comunidades ahvaz, baloch, curda e azerbaijana do Irã, entre outras, continuam ocorrendo. O regime também continua maltratando refugiados afegãos, inclusive por meio de abuso físico por parte das forças de segurança, detenção em condições insalubres, trabalho forçado e até mesmo separação forçada das famílias. Como observado anteriormente, relatórios críveis afirmam que o regime recruta ilegalmente crianças afegãs refugiadas de 14 anos para lutar ao lado das forças do governo sírio na Síria, e que crianças afegãs foram mortas lutando na guerra síria.

VISANDO MINORIAS RELIGIOSAS

O governo iraniano reprime a liberdade religiosa ao se envolver diretamente no assédio e na perseguição das minorias religiosas, particularmente as minorias religiosas não reconhecidas na Constituição da República Islâmica. As comunidades de minorias religiosas, tais como baha'ís, cristãos, judeus, zoroastristas e muçulmanos sunitas e sufistas enfrentam perseguição generalizada, discriminação e detenções injustas.



O regime intensificou a perseguição à comunidade sufista gonabadi, prendendo pelo menos 300 sufistas este ano por protestar contra a detenção arbitrária de outros ativistas sufistas. As sentenças proferidas pelos tribunais incluíam longos períodos de encarceramento, açoitamento e exílio interno em julgamentos injustos. A Human Rights Watch caracterizou a tendência como “uma das maiores repressões contra uma minoria religiosa no Irã em uma década”. O médico Noorai Tabandeh, líder espiritual gonabadi de 91 anos, permanece em prisão domiciliar.

Outras minorias religiosas continuam sendo tratadas com crueldade. Cristãos, particularmente evangélicos e convertidos do Islã, são sujeitos a altos níveis de detenções e prisões. Por exemplo, em julho de 2018, o governo prendeu o pastor Youcef Nadarkhani, um cristão convertido e líder da igreja, juntamente com três membros de sua congregação, depois que um tribunal confirmou suas sentenças de 10 anos de prisão por “reunião e conluio contra a segurança nacional”, organização de igrejas domésticas e por pregar o “cristianismo sionista”. As pessoas pertencentes à população sunita minoritária enfrentam a repressão do governo, incluindo assassinatos extrajudiciais, prisões arbitrárias e tortura na detenção, e a elas é rotineiramente negada a permissão para construir casas de culto por causa de sua fé. Os baha'ís são perseguidos pelo governo por causa de suas crenças, incluindo penas de prisão severas para membros de sua liderança, acesso limitado à educação pública e ao emprego, confisco de propriedade, fechamento de empresas e profanação e destruição de cemitérios. Havia 67 baha'ís presos no Irã em julho de 2018.

NÃO HÁ O DEVIDO PROCESSO LEGAL

Normalmente, os processos judiciais no Irã estão aquém dos padrões legais do país, bem como as obrigações internacionais para garantir um julgamento justo, incluindo o acesso a um advogado e a um processo de apelação crível. O governo frequentemente subverte esforços de proteção das liberdades individuais, limitando o acesso a advogados e visando particularmente os advogados de direitos humanos. Por exemplo, o governo prendeu arbitrariamente os conhecidos advogados de direitos humanos Nasrin Sotoudeh e Zeynab Taheri em junho de 2018 por realizar trabalhos comuns em nome dos clientes, alegando, sem fornecer provas, que o trabalho ameaçava a segurança nacional.

Em outro exemplo, em junho de 2018, o governo executou Mohammad Salas às pressas, um gonabadi sufista, por supostamente matar três policiais. Isso ocorreu após um julgamento em que a única prova usada para condenar Salas foi sua confissão, obtida por meio de tortura e transmitida na televisão estatal iraniana. Autoridades iranianas também impediram Salas de acessar o seu advogado antes ou durante o seu julgamento.

Detentos no Irã enfrentam condições terríveis na prisão. Relatórios críveis indicam que o regime iraniano pratica regularmente a tortura e outras formas cruéis, desumanas ou degradantes de punição, particularmente na notória prisão iraniana de Evin, que abriga muitos dos presos políticos do Irã. Isso inclui relatos de pessoas tendo membros do corpo amputados, sendo cegas e açoitadas. O governo iraniano também usa tortura física e mental para coagir confissões. Rotineiramente, é negado aos presos políticos acesso a cuidados médicos ou visitas de familiares. Em maio de 2018, o Tesouro dos EUA designou a prisão Evin por seus graves abusos de direitos humanos.



Mohammad Salas, membro da perseguida comunidade dervixe gonabadi sufista iraniana, foi torturado para forçar uma confissão e enforcado na notória prisão de Rajai Shahr



Apesar de o Irã negar tortura em suas instalações de detenção, há pouca transparência ou responsabilização até mesmo para as autoridades eleitas do Irã. Em janeiro de 2018, a prisão concedeu acesso limitado de visitação a cerca de dez parlamentares após semanas de investigações parlamentares e cobertura da mídia nacional.

Refletindo as terríveis circunstâncias de prisioneiros de consciência no Irã hoje, vários “suicídios” suspeitos ocorreram nas prisões iranianas em 2018, incluindo a morte do ativista ambiental Kavous Seyed Emami. Até hoje, não ocorreu nenhuma investigação transparente ou crível, nem qualquer autoridade iraniana foi responsabilizada por essas mortes. O regime frequentemente alega que as mortes de detentos resultam de vícios em drogas, embora os indivíduos em questão, muitas vezes não têm histórico de uso de drogas.

O governo iraniano continua deliberadamente visando e detendo cidadãos dos EUA e outros estrangeiros, particularmente aqueles com dupla cidadania, sob falsas acusações relacionadas à segurança nacional. O Irã deteve injustamente vários americanos, incluindo Siamak Namazi e Xiyue Wang. Bob Levinson continua desaparecido no Irã há mais de 11 anos.

PENA DE MORTE

A taxa de execução per capita do Irã permanece entre as mais altas do mundo, apesar das recentes reformas para reduzir o número de execuções por delitos relacionados com drogas. O governo continua executando pessoas por crimes que não atendem à obrigação internacional do Irã de impor a pena de morte apenas para “os crimes mais graves”, e frequentemente as execuções são realizadas de maneira contrária às obrigações internacionais de direitos humanos do Irã. O Código Penal da República Islâmica continua permitindo a execução de adolescentes, começando com nove anos de idade para meninas e 13 anos de idade para meninos. O Irã continua executando delinquentes juvenis condenados por crimes cometidos antes de terem dezoito anos de idade. Cerca de 80 delinquentes juvenis permaneceram no corredor da morte a partir de 2018, e pelo menos três menores foram executados em janeiro deste ano.

ATROCIDADES NO EXTERIOR

A negligência dos direitos humanos por parte do Irã se estende bem além de suas fronteiras. Na Síria, os grupos apoiados pelo Irã, incluindo o Hezbollah libanês, têm atacado civis repetidamente. Desde o início do conflito sírio em 2011, o Irã tem estado entre os parceiros mais fiéis de Bashar al-Assad, concedendo cerca de US\$ 5 bilhões em linhas de crédito ao regime sírio e despejando recursos e pessoal militar na região. O Irã continua apoiando o regime de Assad, apesar de seu flagrante uso de armas químicas e ataques indiscriminados contra civis. Teerã implantou cerca de 2.500 soldados no terreno, incluindo forças terrestres da Guarda Revolucionária Islâmica e do Artesh (exército regular do Irã), e utiliza locais como os campos de pouso de Tiyas e Shayrat em Homs e a base de Al-Kiswah ao sul de Damasco para lançar ataques.

No Iraque, o Irã apoia diretamente os elementos da linha dura associados às Forças de Mobilização Popular (PMF) do Iraque, incluindo a designada organização terrorista estrangeira Kata'ib Hezbollah. As unidades das PMF são oficialmente subordinadas ao conselheiro de Segurança Nacional iraquiano, mas várias unidades indisciplinadas na prática também respondem à IRGC. Há vários relatos de intimidação, detenções arbitrarias e desaparecimentos de pessoas sunitas pelas milícias xiitas apoiadas pelo Irã. Por exemplo, existem relatos de que o Kata'ib Hezbollah teria sequestrado e intimidado moradores árabes sunitas nas províncias de Diyala e Babil e impedido que pessoas árabes sunitas deslocadas internamente voltassem para suas casas.

O Irã continua prestando apoio militar e financeiro aos rebeldes houthis no Iêmen. Desde 2012, o Irã gastou centenas de milhões de dólares nesse empreendimento. O apoio do Irã aos rebeldes está ajudando a prolongar a guerra civil do país e agravar uma tragédia humanitária já devastadora. De acordo com a ONG Save the Children, militantes houthis, apoiados pelo Irã, teriam participado intencionalmente de dezenas de ataques a hospitais no Iêmen.

CAPÍTULO SETE

EXPLORAÇÃO AMBIENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O IRÃ



Leito seco do rio
Zayandeh Rood
em Isfahan, Irã

INTRODUÇÃO

A corrupção e a má gestão nos níveis mais altos do regime iraniano produziram anos de exploração e degradação ambiental em todo o país. Agravada pela seca e o aumento das temperaturas, a relutância dos líderes do Irã para enfrentar os desafios diante deles está levando o país a uma crise ambiental. Nikahang Kowsar, geólogo iraniano atualmente vivendo no exílio, disse: “Quando as pessoas perdem suas terras, elas perdem tudo, e isso significa que elas não têm medo de nada. A crise da água é real e está matando o país. Existem políticas agrícolas ruins e má gestão da água. É como uma bomba-relógio.”

O acesso limitado à água e a má qualidade do ar estão entre as principais preocupações de muitos iranianos hoje. Ao falarem cada vez mais sobre essas dificuldades, o regime responde com força para reprimir a dissidência e encobrir suas próprias práticas corruptas. Como um conhecido estudioso iraniano disse: “As pessoas no topo são muito incompetentes e muito corruptas para se importar.” Como resultado, a situação continua a se deteriorar enquanto o povo iraniano pede para o seu governo agir.

A incapacidade do regime em lidar com questões ambientais cruciais, como o possível e irreversível esgotamento dos seus recursos hídricos e a poluição do ar, atinge a essência da sua incapacidade de responder às necessidades mais amplas do seu povo. Enquanto desperdiça bilhões em desventuras no exterior promovidas pela Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), negligencia as necessidades internas mais básicas, incluindo a capacidade do seu povo beber água potável e respirar ar fresco. Quando ativistas iranianos se mobilizam para abordar o que está entre as questões mais fundamentais em qualquer sociedade, eles são perseguidos, presos ou morrem em circunstâncias suspeitas.

À BEIRA DA CRISE

O povo iraniano sente a dor da má gestão ambiental desse regime de muitas maneiras, mas o acesso limitado à água está entre os mais evidentes. De acordo com um relatório de 2017 das Nações Unidas, a escassez de água no Irã é tão aguda que os meios de subsistência agrícolas não são mais sustentáveis. A falha do regime em implementar sólidas políticas hídricas levou ao esgotamento de aquíferos a taxas potencialmente irreversíveis. A continuada má gestão é agravada por técnicas de irrigação ineficientes, gestão descentralizada da água, subsídios contínuos para as culturas que exigem muita água como o trigo (notadamente, graças ao objetivo revolucionário da República Islâmica de alcançar a autossuficiência do trigo) e a construção excessiva de represas. O histórico do insustentável uso de água e bombeamento de águas subterrâneas do Irã foi agravado por uma seca de 14 anos que, de acordo com o diretor do Centro de Gestão de Crises e Secas do Irã, afeta cerca de 96 por cento do país.

O governo iraniano identificou a água como um dos maiores problemas do país, mas não respondeu adequadamente. O presidente Hassan Rouhani disse que o governo iraniano vai abordar as queixas do povo e, em 2015, o líder supremo Khamenei pediu ao governo para “gerenciar as alterações climáticas e ameaças ambientais, tais como a desertificação, especialmente a poluição causada por poeira [e] a seca”. Um comandante da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) observou em um discurso público no final de fevereiro que a água iria desempenhar um papel fundamental para a segurança nacional e regional do Irã. No entanto, apesar das proclamações públicas, pouco foi feito para enfrentar o problema.

A atual crise hídrica não é uma surpresa. O ex-ministro da agricultura iraniano Issa Kalantari alertou em 2015 que, se não for resolvida, a crise da água forçaria a migração de 50 milhões de iranianos (de um total de 80 milhões) nos próximos 25 anos. Relatórios estimam mais de 16 milhões de iranianos já fugiram da zona rural e agora estão vivendo em favelas, em comparação aos 11 milhões em 2013. As dificuldades resultantes da falta de água frequentemente são piores nas áreas rurais, onde as grandes, historicamente marginalizadas e oprimidas minorias étnicas e religiosas do Irã moram.

Mesmo que o regime desenvolva uma agenda política sustentável para o seu abastecimento de água, é improvável que seja implementada devido à corrupção desenfreada; basta observar a política de construção de barragens do regime iraniano. Desde 1979, o Irã construiu cerca de 600 barragens, uma média de 20 por ano. Em comparação, antes da revolução, o Irã tinha sete represas antigas e 14 modernas. Embora não esteja claro quanto foi gasto nas barragens, acredita-se que grande parte do dinheiro acabou nos bolsos dos afiliados da IRGC. Abadollah Abdollahi, comandante da sede da construtora Khatam Al-Anbiya, braço de engenharia da IRGC, disse em dezembro de 2017 que 62 barragens, representando metade da capacidade de barragens do Irã, foram construídas por sua empresa. Graças ao mau planejamento e a anos de seca, muitas das barragens são inúteis. Em muitos casos, as barragens contribuíram para o agravamento dos danos ambientais e a perda da tão necessária água de comunidades já marginalizadas que vivem nas periferias sociais e econômicas.

Muitos iranianos apontam para o Lago Urmia no noroeste do Irã como um exemplo da má gestão do regime, bem como a sua incapacidade de mudar de rumo. Uma vez entre os maiores lagos da terra, o Lago Urmia encolheu consideravelmente. Segundo relatos, o governo começou a construir várias barragens ao redor do lago na década de 1990, desviando lentamente o seu abastecimento de água. Os beneficiários desses projetos eram empreiteiros da IRGC, indivíduos ligados ao Ministério da Energia e de grandes empresas do agronegócio, que ficaram ricos enquanto o lago foi sendo drenado. A National Geographic disse que o Lago Urmia agora mais parece uma cena de crime. Suas belas águas que já foram imortalizadas na poesia persa viraram sal, que enche as asfixiantes tempestades de poeira do Irã.



AP PHOTO

Barcos pedalinho no leito do rio Zayandeh Roud, em Isfahan, no Irã. Enquanto seus meios de subsistência estão sendo destruídos por anos de má gestão hídrica pelo regime, cada vez mais os agricultores estão tomando as ruas em protesto

A poluição do ar também continua sendo um grave problema no Irã. Em fevereiro de 2018, na capital do Irã, Teerã, escolas foram fechadas por vários dias porque a quantidade de partículas perigosas no ar era mais de nove vezes maior do que a quantidade recomendada pela OMS. Alguns políticos até mesmo propuseram mudar a capital por causa da poluição do ar de Teerã. Em setembro de 2018, o diretor adjunto de Transportes e Tráfego do município de Teerã, Mohsen Pour Seyed Aghaei, disse que a poluição do ar da cidade custa ao Irã mais de US\$ 2,6 bilhões por ano. De acordo com um relatório de 2016 do Banco Mundial, Zabol, Bushehr e Ahvaz estão entre as cidades mais poluídas do mundo. Durante a maior parte do ano, Ahvaz fica encoberta por um nevoeiro [smog] amarelo e seus moradores sofrem de doenças respiratórias e de pele. As tempestades de areia e poeira, que atingem duramente o Cuzistão, são igualmente um problema, agravado pelo ressecamento de águas de superfície, aumentando as queixas entre a já irritada população. O custo das práticas ambientais nocivas do regime não atinge apenas iranianos e suas terras; a poluição do ar não conhece fronteiras.

O POVO IRANIANO RECLAMA

Em conjunto, políticas ambientais mal implementadas, a corrupção endêmica do governo e uma resposta ineficaz do regime viraram de ponta cabeça a vida e os meios de subsistência de milhões, levando a protestos em todo o país. Esses protestos foram realizados em grande parte nas cidades ao redor do centro de Isfahan e da província ocidental de Cuzistão. O Centro de Direitos Humanos no Irã (CHRI), uma das principais ONGs, informou que cidades e aldeias ao redor de Isfahan foram duramente atingidas pela seca e pelo desvio da água. Em 2013, a raiva contra os planos do governo para desviar a água de Isfahan levou a confrontos com a polícia. Um ano depois, a Câmara de Comércio de Isfahan informou que a secagem da bacia hidrográfica do rio Zayandeh Roud havia privado cerca de 2 milhões agricultores da sua renda. Em janeiro de 2018, protestos dos fazendeiros na cidade de Qahderijan, perto de Isfahan, tornaram-se violentos quando as forças de

segurança abriram fogo contra multidões e mataram pelo menos cinco pessoas. Em março de 2018, dezenas de fazendeiros Isfahani fisicamente viraram as costas para o líder das orações de sexta-feira, um repúdio pacífico e poderoso da República Islâmica.

O Cuzistão, província rica em petróleo com uma grande população de árabes étnicos, tem sofrido com a desertificação em grande escala, resíduos industriais e o excesso de projetos de barragens, que muitos afirmam serem construídas apenas para beneficiar empreiteiros da IRGC.

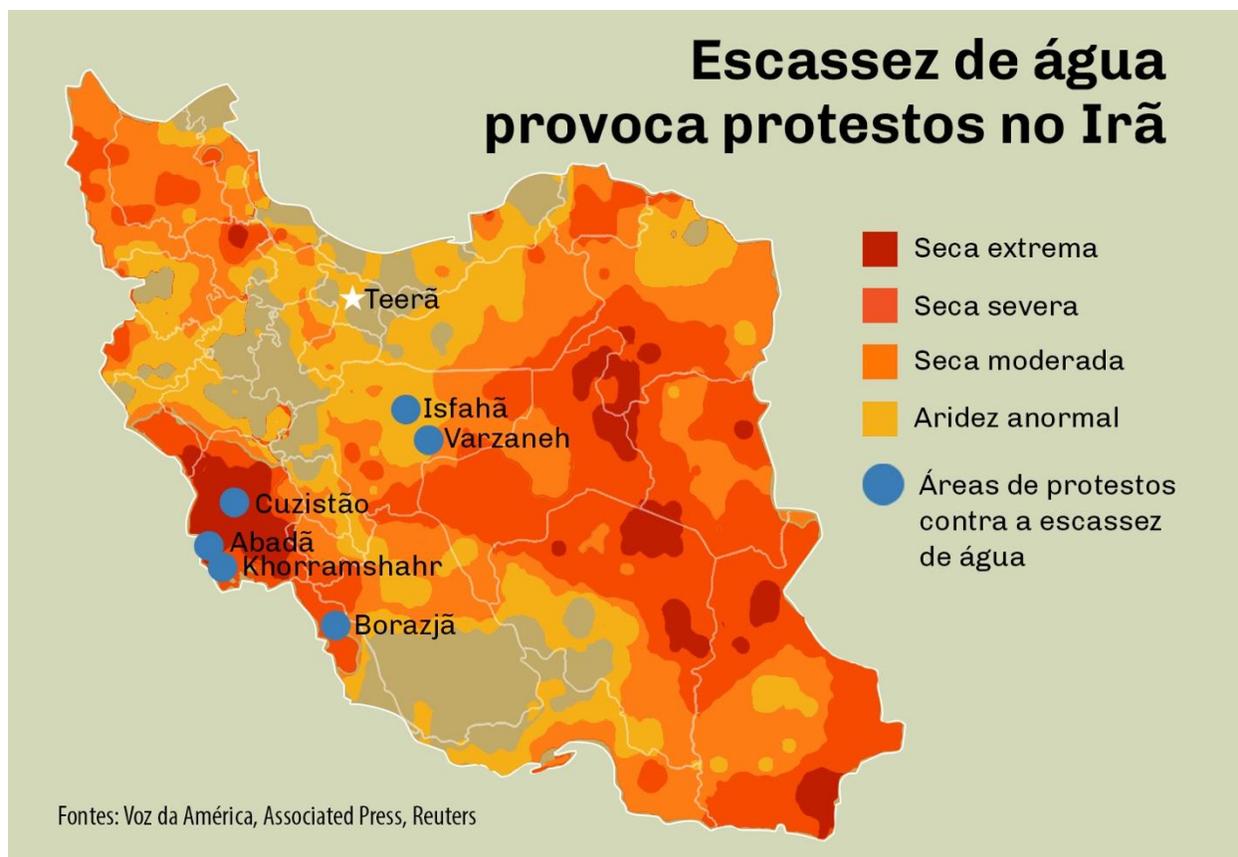


Tratores parados durante greve de agricultores iranianos AP PHOTO

sendo mortos pelas forças de segurança.

Recentemente, grandes protestos foram realizados em Ahvaz, capital da província de Cuzistão. Slogans de manifestantes do lado de fora do gabinete do governador municipal, em fevereiro de 2018 incluíram, “Ahvaz é a nossa cidade, ar limpo é o nosso direito”, e “Respirar, respirar, respirar, a menor das nossas exigências no mundo”. Uma queixa constante dos ahvazis é que sua água está sendo desviada para projetos que enchem os cofres de agronegócios associados ao regime. Centenas de ahvazis tomaram as ruas para protestar contra a exploração das suas terras e da água pelo regime. Muitos foram presos, com relatos de manifestantes

Em junho de 2018, protestos em Khorramshahr, cidade também localizada na província de Cuzistão, se tornaram violentos e pelo menos um manifestante foi atingido por um tiro. Os confrontos com as forças de segurança vieram após semanas de falta de água, em que a população local não tinha acesso a água potável. De acordo com relatórios, as fontes de água locais não podiam ser consumidas devido ao elevado conteúdo de salinidade e lama, deixando centenas de pessoas doentes. De acordo com a agência de notícias Mehr, a água de Khorramshahr estava muito suja mesmo para cozinhar ou lavar roupa. As pessoas foram forçadas a comprar água do mercado negro ou ficar na fila no calor sufocante aguardando a chegada de caminhões-pipa.

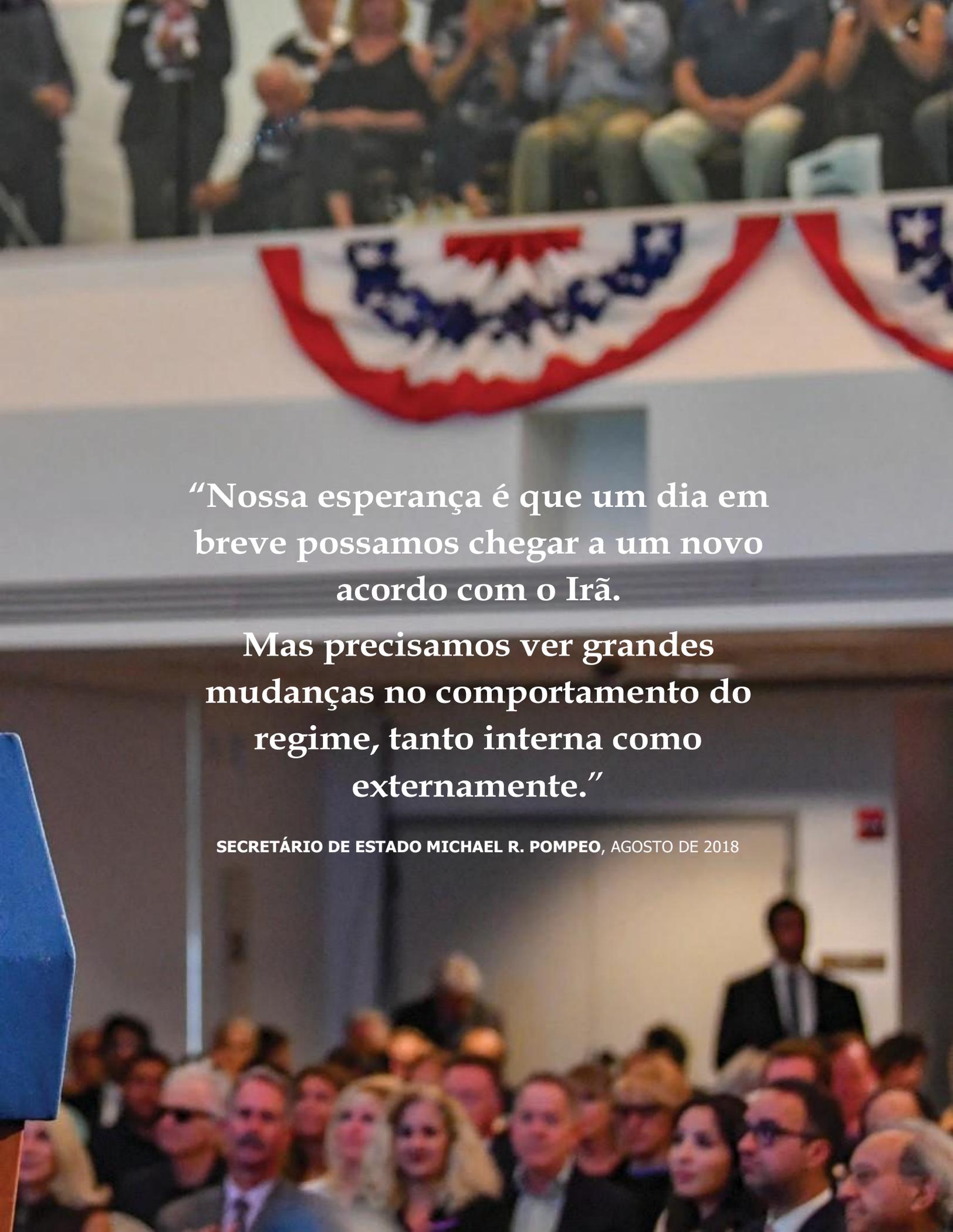


A certa altura, os manifestantes entoavam que as autoridades do governo eram “inúteis” e “nos roubaram em nome da religião”. Um comentarista político iraniano que escreve nas redes sociais resumiu a frustração, escrevendo: “Por quanto tempo o povo de Khorramshahr e Abadan deve gritar que não tem água? Suas fazendas de tamareiras foram destruídas, as zonas úmidas secaram e a poeira feriu suas gargantas. Eles vivem perto de três rios de água doce e ainda assim precisam comprar água potável.”

O REGIME VISA ATIVISTAS AMBIENTAIS

Conforme os iranianos se tornam cada vez mais conscientes do âmbito dos problemas ambientais do seu país, o regime tem pressionado organizações que trabalham para solucioná-los. No final de janeiro de 2018, Kavous Seyed-Emami, professor universitário iraniano-canadense e diretor da Fundação Wildlife Heritage Persa (PWHF) foi preso juntamente com dezenas de ambientalistas. Seyed-Emami, acusado de ser um espião dos EUA e de Israel, morreu em condições misteriosas enquanto estava preso. Autoridades iranianas atribuíram o suicídio como causa da morte. Em maio de 2018, mais de 40 ambientalistas, guardas-florestais e seus parentes, muitos afiliados à PWHF, foram presos como parte da repressão do regime. A maioria permanece injustamente detida ou foi morta, um aviso a todos os que já trabalharam nesse campo relativamente seguro e não politizado.





“Nossa esperança é que um dia em breve possamos chegar a um novo acordo com o Irã.

Mas precisamos ver grandes mudanças no comportamento do regime, tanto interna como externamente.”

SECRETÁRIO DE ESTADO MICHAEL R. POMPEO, AGOSTO DE 2018



Este relatório foi produzido pelo Grupo de Ação do Irã.

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA | STATE.GOV